

Um balanço otimista e promessa de crescimento

André Campos e Antonio Marcello
Da equipe do Correio

“O frango é o herói nacional.” Esta frase deu o tom otimista da entrevista coletiva concedida ontem pelo presidente Fernando Henrique Cardoso para apresentar as perspectivas de seu governo para 1996 e festejar os resultados alcançados em 1995.

O consumo de frango, segundo o presidente, cresceu 16% no ano passado, como resultado da valorização do poder de compra dos assalariados, sobretudo dos mais pobres, como afirmou o presidente, no discurso de abertura da entrevista.

Fernando Henrique considerou “indiscutível” que 1995 foi um ano positivo para o Brasil. “Tivemos uma queda significativa nos índices inflacionários. Qualquer que seja o indicador que se utilize, houve na média uma redução da inflação para 20%”, disse.

“Mais importante ou tão importante quanto isso é que o poder aquisitivo da população aumentou”, disse ele, saudando o frango, as conservas, os congelados e o iogurte, como heróis.

Crescimento — Fernando Henrique defendeu, em seguida, o crescimento sustentado, a geração de empre-

gos e a ampliação dos gastos sociais.

Aumento da poupança, queda nas taxas de juros e ampliação do investimento são, para ele, as três necessidades para se manter o desenvolvimento sustentado.

Para garantir mais empregos, é preciso, segundo o presidente, reduzir os encargos trabalhistas, ampliar o programa de agricultura familiar, apoiar a pequena e média empresa, promover o artesanato, qualificar e treinar mão-de-obra, além de incrementar a construção civil.

O aumento nos gastos sociais se dará na reforma agrária, educação, saúde, saneamento e moradia, acrescentou ele.

Reformas — Para obter esse crescimento, Fernando Henrique insistiu na necessidade das reformas constitucionais e em manter a estabilidade política.

“Acredito que é importante que haja uma sensação de que o País tem rumo, de que o País tem estabilidade, não só na economia, mas também na política”, afirmou.

O presidente disse estar muito satisfeito com o acordo feito com as centrais sindicais sobre a reforma da Previdência. “Acho que foi muito importante que tivesse havido esse entendimento”.

Governo sem trégua no campo

Para o presidente, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) ainda não deu uma trégua sequer ao Planalto. Mesmo dizendo-se sensível à causa dos militantes, Fernando Henrique avaliou que o movimento está político demais.

“Ninguém ganha uma luta política dessa magnitude quando transforma a questão social em questão de polícia. O governo não quer isso”, observou o presidente.

Momentos antes, ele já havia dito que o que estava em curso não era a reforma agrária do MST.

“Eu estou fazendo a reforma agrária para o Brasil. E nós já assentamos 42 mil famílias. Em 96, assentaremos 60 mil famílias”, prometeu.

Fernando Henrique lembrou a invasão — anteontem — dos sem-terra a três prédios do Ministério da Fazenda, como protesto ao atraso na transferência para o Banco do Brasil dos recursos liberados pelo ministro Pedro Malan ao Movimento.

“Se se ocupa o ministério, eu mando desocupar. Disso não tenha dúvida. Eu não aceito isso”, avisou o presidente, na única ocasião em

que demonstrou alguma irritação durante toda a entrevista.

Cara-a-cara — Ele aproveitou para convocar o líder máximo dos sem-terra, José Rainha Júnior, para uma conversa pessoal.

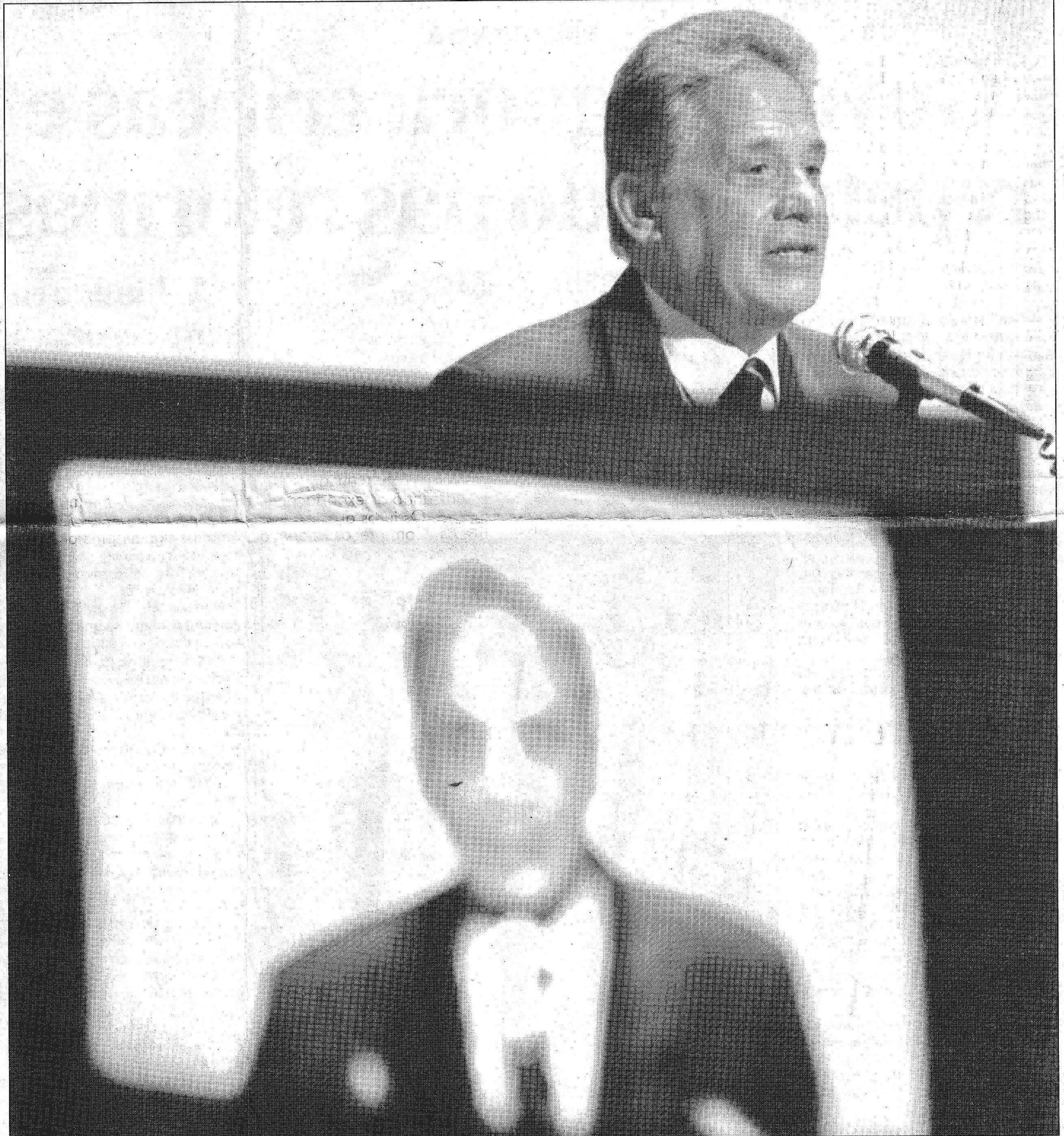
“Eu gostaria de conversar cara-a-cara, para ver o sentimento, o meu e o dele. Eu confio no dele. Mas ele tem que confiar no meu, senão a coisa não anda”, reclamou o príncipe do tucanato, mais calmo.

Em seu entendimento, não adianta só dar terra para quem não têm, mas hoje tornou-se necessário também criar condições para a produção. Por isso, é preciso repensar o tipo de ocupação das propriedades distribuídas.

Segundo Fernando Henrique, a terra é o mais barato no processo de reforma agrária. “O difícil é, depois (da ocupação), manter a terra funcionando e dando rentabilidade, emancipando-se do Incra”, completou.

“Nem toda a população pobre que está no campo, você resolve a situação dela dando terra, (em alguns casos) você tem que dar outro tipo de emprego”, ponderou.

Fotos: Carlos Eduardo



Fernando Henrique, na entrevista: elogios para seu governo, ironias para a oposição e uma certeza, a de que vai ganhar as próximas eleições

“Eu vou ganhar de novo”

A oposição não terá muita sorte nem este ano nem nos próximos, se depender do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Na entrevista, ele foi muito claro: “Vamos para a próxima eleição e vou ganhar de novo”. Fez uma pausa e retificou: “Não eu, mas quem eu apoiar”.

Fernando Henrique criticou os partidos opositores, principalmente devido à oposição à reforma da Previdência, acusando-os de não estarem preocupados nem com os trabalhadores nem com o interesse público.

“Como é que se pode ser contra um acordo que garante as aposentadorias atuais, que garante até, no caso dos professores do ensino fundamental, a manutenção das regras? Por que vai ser contra. Para ganhar? Isto aqui não é clube de futebol e a eleição já passou”, afirmou.

E acrescentou: “Nós estamos dando passos muito importantes para o País. E eu esperaria que eles entendam a realidade e não fiquem fazendo um papel que, depois, a história não vai nem registrar. Não é que vai registrá-los porque fizeram alguma coisa er-

rada. A história nem vai olhar porque, como se diz, a caravana passa”.

Aliados — Mas, não foi apenas a oposição o alvo das palavras do presidente. Sobrou também para os aliados: exigiu apoio total, ameaçando-os com a perda das eleições.

“A oposição só tem uma chance de ganhar: é a de os aliados não defenderem o governo. Os aliados defendendo o governo, ganharemos bastante bem”, afirmou.

Fernando Henrique mostrou muita firmeza durante a entrevista, mas titubeou no final, ao ser perguntado sobre sua reeleição. Primeiro, negou que tivesse falado alguma vez sobre isso:

“Eu disse outra coisa. Eu disse que quem eu apoiar, ganha, espero”.

E, perguntado sobre se o perfil que ele está montando para seu sucessor não seria o dele mesmo, vacilou:

“O perfil que eu vejo... Você (dirigindo-se ao repórter) é de *O Globo*, não. O perfil... O meu perfil é o do Chico Caruso (cartunista de *O Globo*)”.

ELOGIOS

Na entrevista, o presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a exercitar o jogo que mais gosta: elogiar a si próprio e a seu governo.

Aqui estão alguns exemplos:

■ “Eu sou muito tranquilo e confiante”.

■ “É preciso a gente ter humildade. Eu tenho”.

■ “É o seguinte: (os aliados) têm que defender com energia o que o governo está fazendo, por que isso dá voto”.

■ “Espero que continue igual (em 1996). Quer dizer, a oposição dando pouco trabalho e os aliados muito pouco também”.

■ “O maior reajuste do salário mínimo da história foi feito ano passado”.

■ “Não podemos pensar o futuro com a cabeça do passado”.

■ “Provavelmente quem definiu como pífia (a reforma da Previdência), nunca leu a proposta, nem a do governo, nem o relatório do deputado Euler, nem o acordo (com as centrais sindicais)”.

■ “Será que não esqueceram a eleição até hoje? Vamos para a próxima e vamos ganhar de novo. Não eu, mas quem eu apoiar”.

■ “O problema (da agricultura) é com o ministro (José Eduardo Andrade Vieira), é com Deus, depende um pouco das chuvas, é com o Banco do Brasil, e não precisa de plano nenhum, porque já tem os planos”.

■ “O meu perfil (de candidato a presidente) é o Chico Caruso (cartunista do jornal “O Globo”)”.

■ “Nosso crescimento no passado foi um ziguezague: excelentes resultados em 70. Em 80, entramos em ziguezague. Em 90, no início, entramos em parafuso. E de 93 em diante, nós estamos buscando um crescimento sustentado”.

■ “O governo em 95 — e continuará assim em 96 — atendeu à questão social, sem demagogia, sem clientelismo e sem assistencialismo barato. Essa é a mudança. Mudou a mentalidade”.

Discurso revolta oposição

Vanda Célio
De equipe do Correio

A oposição no Congresso deu nome à entrevista de Fernando Henrique: *depoimento eu me amo*.

“Assim não dá, está demais, o presidente só elogia o governo dele, daqui a pouco vai falar: Fernando Henrique, ame-o ou deixe-o”, reclamou Jaques Wagner (BA), líder da bancada do PT na Câmara.

A expressão *ame-o ou deixe-o* foi o slogan adotado pelo governo Médici, num dos períodos mais duros do regime militar. À época, dezenas de opositores do governo estavam sendo banidos do país e pedindo asilo no exterior. A única saída para a oposição, naquela fase, parecia ser a do aeroporto.

Sem modéstia — Fernando Henrique não ameaçou ninguém na entrevista, mas irritou a oposição ao afirmar que os que não se unirem a ele serão derrotados. “Quem eu apoiar ganha”, disse o presidente, sem modéstia.

“É muita conversa fiada”, reagiu o deputado Aldo Rebelo (SP), líder do PC do B na Câmara. Embora irritado com a visão cor-de-rosa do presidente, Rebelo prestou atenção em tudo o que ele disse. Mas a maioria não viu. “Não tive oportunidade de assistir,

mas certamente foi brilhante”, ironizou o deputado Delfim Netto (PPB-SP). Fernando Henrique, na abertura da entrevista, disse que primeiro é preciso investir, depois crescer e só então distribuir a renda do País.

Receita — Com isto, atualizou a célebre receita de Delfim, quando era ministro do Planejamento. Nela, o atual deputado dizia que primeiro era preciso fazer crescer o bolo, para só depois dividi-lo. “Meu maior entusiasmo é porque ele continua aprendendo”, comentou Delfim, ao saber da afirmação do presidente.

Fernando Henrique fez também elogios ao PMDB, enfatizando a necessidade de o governo receber o apoio do partido. “Ele tem uma consciência muito profunda disso”, disse o presidente do PMDB, Paes de Andrade (CE). “E também das necessidades dele”, emendou Moreira Franco (PMDB-RJ).

Foi no PSDB e no PFL que o presidente recebeu mais elogios. “Foi ótimo”, disse o líder do PSDB, José Aníbal (SP). “Ele fez um grande pronunciamento”, afirmou Heráclito Fortes (PFL-PI).

“Depois de muitos anos aparece alguém que gosta de ser presidente e fala ao País com calma, descontração e alegria”, comentou Rubem Medina (PFL-RJ).